

TEMÁTICA LIVRE

A recepção telejornalística de pessoas com deficiência intelectual

The telejournalistic reception of people with intellectual disabilities

Edição v. 41
número 2 / 2022

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 41 (2)
mai/2022-ago/2022

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

FELIPE COLLAR BERNI

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: felipecollar@gmail.com
ORCID: 0000-0002-6863-8698

GRAZIELA BIANCHI

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) – Ponta Grossa, Paraná, Brasil.
E-mail: grazielabianchi@yahoo.com.br
ORCID: 0000-0002-4940-9849

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

COLLAR BERNI, Felipe; BIANCHI, Graziela. A recepção telejornalística de pessoas com deficiência intelectual. *Contracampo*, Niterói, v. 41, n. 2, maio/ago. 2022.

Enviado em: 23/02/2022. Revisor A: 11/05/2022; Revisor B: 09/05/2022; Revisor A: 08/06/2022; Revisor B: 01/06/2022. Aceito em: 10/06/2022.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v41i2.53252>

Resumo

O artigo traz dados e reflexões relacionados às características observadas no processo de investigação que destacou a recepção de conteúdos jornalísticos televisivos por pessoas com deficiência intelectual. Para tal, são retomados os principais eixos teórico-metodológicos que alicerçaram o trabalho: cidadania comunicativa, direito humano à comunicação, estudos culturais e de recepção. Ao refletir sobre os movimentos e estratégias de campo empregadas, busca-se contribuir em uma perspectiva que reconhece as pessoas com deficiência como sujeitos comunicantes. Como resultado, sistematizam-se aspectos da recepção dos sujeitos: a presença do jornalismo de proximidade no consumo; o sensacionalismo como marca dos telejornais consumidos; a mobilização do consumo pelas pautas agendadas; o uso do jornalismo na concretude do cotidiano; e percepções e experiências moldadas pelo que se assiste.

Palavras-chaves

Jornalismo; Telejornalismo; Pessoas com deficiência; Estudos de recepção; Cidadania Comunicativa.

Abstract

This article presents data and reflections related to the characteristics observed in the investigation process that addressed the reception of television journalistic content by people with intellectual disabilities. To this end, the main theoretical-methodological axes that support the work are: communicative citizenship, human right to communication, cultural and reception studies. By reflecting on the field movements and strategies employed, we seek to contribute to a perspective that recognizes people with disabilities as communicative subjects. As a result, aspects of the subjects' reception are systematized: the presence of proximity journalism in consumption; sensationalism as an aspect of TV news; the mobilization of consumption through agenda setting; the use of journalism in the reality of everyday life; and perceptions and experiences shaped by what is watched.

Keywords

Journalism; Telejournalism; People with intellectual disabilities; Reception studies; Communicative Citizenship.

Introdução

Ao tensionar os processos envolvidos nos distintos usos realizados por sujeitos comunicantes, no que se refere à oferta midiática, entende-se como importante reposicionar a figura do *receptor* no processo comunicativo, rechaçando a forma com que vertentes funcionalistas ou mesmo pesquisas de audiência o relacionam. Quando trazidas as preocupações do jornalismo para o debate, um duplo esforço tende a ser empregado, isso porque, primeiro, há um predomínio de estudos que privilegiam os processos de produção e circulação da notícia, gestão e financiamento, deixando as reflexões em relação às audiências em um patamar inferior; e, segundo, quando pensada a recepção jornalística, entende-se a necessidade de uma postura que reconhece o público não como somatório desta audiência, mas como sujeitos comunicantes, ou seja, percebendo os vínculos e usos que fazem do jornalismo. Desta forma, é oportuno visualizar, criticamente, a crise que o jornalismo atravessa, condicionada, entre outros fatores, pelo desconhecimento que o próprio jornalismo tem em relação a seus públicos (BIANCHI, 2019).

Nesta perspectiva, o trabalho apresenta aspectos relacionados à recepção jornalística de pessoas com deficiência intelectual (PCDI), num movimento de reconhecer os usos e significações que fazem dos conteúdos telejornalísticos em seus cotidianos. A partir do processo de investigação, Berni (2021),¹ são indicados questionamentos em relação às formas pelas quais as pessoas com deficiência intelectual consomem os conteúdos veiculados nos programas jornalísticos televisivos e no intuito de compreender quais sentidos, significações e ressignificações produzem junto ao seu entorno social cotidiano.

É realizado o tensionamento da comunicação na qualidade de direito humano e o jornalismo como articulador para as múltiplas vivências sociais. Assim sendo, o imbricamento entre cidadania e comunicação alicerça as reflexões, ao reconhecer o jornalismo como forma de conhecimento capaz de fazer com que os acontecimentos tomem contornos na consciência das pessoas (GENRO FILHO, 1987). Compreende-se que, para exercer de forma legítima e significativa a função social que lhe foi confiada – de orientar e situar-nos frente aos acontecimentos sociais, de modo que possamos exercer nossa cidadania – o jornalismo necessita conhecer as especificidades dos seus públicos e produzir conteúdos acessíveis a todos. Entendendo, portanto, o jornalismo como organismo essencial para a vida em sociedade, manutenção e garantia da democracia e do exercício cidadão, compete também a ele realizar esse movimento de agregar as pessoas com deficiência (PCD) na sociedade por meio da cidadania comunicativa, com conteúdo que não exclua àqueles que, historicamente, os distintos quadros da sociedade hegemônica não reconhece.

Outro pressuposto importante diz respeito à interpretação e reconhecimento da noção de deficiência intelectual considerada neste trabalho. Tem-se como perspectiva o modelo biopsicossocial,² que compreende a deficiência como interação entre pessoas e barreiras estruturais, comportamentais e culturais que impedem a participação plena daquele sujeito na sociedade de forma igualitária, promovendo limitações, desvantagens e exclusões. Reitera-se que o uso da nomenclatura *pessoa com deficiência* adotada aqui é feita de forma crítica. Essa terminologia nos remete à concepção e à ideia de uma *anormalidade* em detrimento de uma forma socialmente construída daquilo que se delineia como o corpo sem deficiência (DINIZ, 2007). Contudo, a sociedade contemporânea está longe de experimentar uma convivência social na qual, de forma indistinta, todos são tratados e respeitados como *pessoas*. Daí a necessidade de assumirmos as nomenclaturas como forma de pautar as lutas por autonomia, inclusão

¹ O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos. O Certificado de Apresentação de Apreciação Ética pode ser encontrado a partir do número de identificação Berni (2021).

² Aquela preconizada pela Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 13 de dezembro de 2006, e promulgada pelo Brasil em 25 de agosto de 2009, por meio do Decreto n. 6 949, que, dentre outros fatores, alarga a compreensão da deficiência para além da patologia corporal, tensionando os fatores socioambientais, políticos, estruturais, psicológicos e pessoais.

e direitos.

Nos tópicos seguintes são apresentados os entrelaçamentos de natureza teórico-metodológica que balizaram o trabalho. Para melhor situar a leitura em relação à dimensão empírica da investigação e favorecer a compreensão das escolhas e estratégias empregadas, consideramos oportuno recuperar, de forma sucinta, alguns pontos relacionados ao corpus da pesquisa.

Os sujeitos que coparticiparam da investigação, por suas características, foram identificados como cidadãos já inseridos ou em processo de inserção no mercado de trabalho e que apresentam diferentes tipos ou graus de deficiência intelectual. O corpus se constituiu a partir de movimentos preambulares que vislumbraram aproximações sucessivas com o objeto-problema, *a posteriori* serem traçadas as estratégias transmetodológicas (MALDONADO, 2013b) da pesquisa. Balizado pelos estudos de recepção e pelas potencialidades da oralidade dos sujeitos coparticipantes,³ mobilizaram-se recursos que explorassem as falas das pessoas com deficiência intelectual. Da pesquisa exploratória, participaram 28 sujeitos que contribuíram para o desdobramento da investigação com direcionamentos e pistas iniciais sobre o consumo comunicacional e jornalístico de pessoas com deficiência intelectual. A sequência da pesquisa foi protagonizada por um grupo de cinco PCDI, de idades que variaram entre 16 a 56 anos. Nesse percurso, houve ainda o atravessamento da pandemia de COVID-19,⁴ que demandou adaptações e novos arranjos para cumprir com os objetivos propostos.

Pessoas com deficiência intelectual como sujeitos comunicantes

O movimento de imbricar as compreensões de cidadania comunicativa, direito humano à comunicação e acessibilidade comunicativa nos possibilita reconhecer as PCDI como sujeitos comunicantes. Ou seja, assumimos aqui o receptor enquanto sujeito participante no processo comunicacional, rechaçando compreensões que negligenciam os movimentos de uso, de apropriação, de produção de sentido e ressignificações existente no processo de recepção, que, por sua vez, não são ordenados em uma perspectiva linear, pelo contrário, são múltiplos, conflituosos, contraditórios e complexos, sendo atravessados por diferentes mediações socioculturais que potencializam a singularidade deste processo.

As pessoas em comunicação, que se inter-relacionam contemporaneamente com os sistemas e os processos midiáticos, produzem sentido de maneira fluída, caótica, estruturada, condicionada, livre, pactuada, enquadrada e subversora. Não obstante essa diversidade, de fato, a maioria dos processos estão em sintonia (e confrontação) com os sistemas e as culturas midiáticas estabelecidas no mundo atual. Os sujeitos em comunicação, hoje, são seres sociais que vivem e experimentam suas práticas de sentido em contextos múltiplos, em diversas esferas (...) e em múltiplas dimensionalidades. (MALDONADO, 2013a, p. 90, destaques no original).

Reconhecendo as pessoas com deficiência intelectual como sujeitos comunicantes temos a oportunidade de posicionar a comunicação e, de maneira particular, o jornalismo, como um direito articulador, essencial para a conquista, exercício e manutenção da cidadania. Mas o que seria cidadania? Adela Cortina compreende como um conceito mediador, uma vez que, “integra exigências de justiça e, ao

³ O modelo médico da deficiência sinaliza para a prejudicialidade da escrita e leitura que esses as PCDI desempenhariam quando comparados à corporalidade assumida como padrão. Reportando ao modelo biopsicossocial, deslocamos a angulação que pode ser dada ao fenômeno, assumindo e valorizando a potencialidade de comunicação e sociabilidade tida através da oralidade.

⁴ Pandemia ainda em curso causada pelo novo Coronavírus iniciada no Brasil em fevereiro de 2020. Em abril de 2021, os senadores instauraram uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar supostas omissões e irregularidades nas ações do governo Bolsonaro durante a pandemia no país. O relatório pediu o indiciamento do presidente da República Jair Bolsonaro por nove crimes, dentre eles delitos comuns, de responsabilidade e contra a humanidade. Outras 77 pessoas, entre elas três filhos do presidente, ministros, ex-ministros, deputados federais, médicos e empresários compõe o pedido de indiciamento. Até o fechamento deste artigo, em 22 de fevereiro de 2022, embora negligenciados, os dados atestam 645.534 mortes no Brasil, em todo o mundo aproxima-se de 6 milhões.

mesmo tempo, faz referência aos que são membros da comunidade, une a racionalidade da justiça com o calor do sentimento de pertença” (CORTINA, 2005, p. 27-28). María Cristina Mata interliga o conceito de cidadania com os modos de participação e intervenção no espaço público, mobilizando a apropriação de direitos e oportunidades, ou seja, uma “prática que implica na capacidade de ser sujeito em todos os âmbitos em que se constrói o poder” (MATA, 2006, p. 8).⁵

Quando buscamos situar o debate na historicidade dos direitos humanos, emerge o entendimento em relação à necessidade de participação nos processos comunicacionais como forma de constituir espaços potencializadores da liberdade e da autonomia. Podemos localizar dentro desse contexto o conceito de *ciudadania comunicativa* proposto por Mata, que, por sua vez, se traduz “na capacidade de ser sujeito de direito e de demanda no domínio da comunicação pública; e no exercício desse direito” (MATA, 2006, p. 13),⁶ isto é, reconhece a mídia como espaço de visibilidade, de validação de culturas e opiniões e de produção de direitos e deveres, desta forma, se enxerga a necessidade do cidadão em ocupar e participar dos processos de produção desses produtos midiáticos.

Outro debate mobilizado se concretiza na defesa, reconhecimento e inclusão da comunicação no âmbito dos direitos humanos (UNESCO, 1983; GUARESCHI, 2013). Um dos alicerces para tal se fundamenta na necessidade social por informação, visto que seu acesso leva à reivindicação de prerrogativas frente aos poderes políticos e ao exercício pleno da cidadania; em outros termos, “o direito à comunicação constitui um prolongamento lógico do progresso constante em direção à liberdade e à democracia” (UNESCO, 1983, p. 287).

Emerge neste debate o conceito e as implicações da inclusão social. Podemos compreendê-la como a forma pela qual a sociedade cria mecanismos para incluir em seu organismo pessoas com demandas e necessidades específicas e, de forma simultânea, as possibilitam assumir papéis na estrutura social, assim, “cabe à sociedade eliminar todas as barreiras (...) para que as pessoas com deficiência possam ter acesso aos serviços, lugares, informações e bens necessários ao desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional” (SASSAKI, 1997, p. 45).

Neste contexto, importante o encaminhamento de reflexões a partir do conceito de *acessibilidade comunicativa* (BONITO, 2015), que se apresenta como uma entrada para discutir os distintos aspectos envolvidos na vida das pessoas com deficiência pelo viés da cidadania comunicativa. Marco Bonito (2015, p. 88) desenvolve a noção de acessibilidade comunicativa como “o conjunto de processos que visam desobstruir e promover a comunicação sem barreiras como direito humano fundamental”, ou seja, pensar e utilizar recursos e práticas de acessibilidade que permitam o consumo comunicacional de pessoas com deficiência. Nesse processo de acessibilidade, existe uma diferença nas nomenclaturas que necessita ser enfatizada de modo a evitar compreensões incorretas e/ou falhas. Desta forma, podemos compreendê-la a partir de duas entradas: a comunicacional e a comunicativa; sendo esta última a que de fato nos interessa.

A acessibilidade comunicativa está preocupada com os sentidos possíveis de serem produzidos durante o processo de adaptabilidade, ou seja, mobilizada para além da transformação do conteúdo a partir de um recurso de acesso. Por sua vez, a comunicacional restringe a um caráter pedagógico, de transmissão de informações, sendo fundada com o acesso do sujeito ao conteúdo. Compreende como um importante passo a consagração, no que se refere às lógicas e rotinas de produção jornalística, dos recursos/práticas que atentam e assistam às pessoas com deficiência, tais como: o Braille, a Audiodescrição, as Legendas para Surdos e Ensurdidos e o uso da Libras; seja com a introdução dos debates sobre acessibilidade comunicativa no âmbito da formação do jornalista, como também no exercício cotidiano da profissão

⁵ No original: “*Práctica que implica la capacidad de ser sujeto en todos los ámbitos en que se construye el poder*”.

⁶ No original: “*La capacidad de ser sujeto de derecho y demanda en el terreno de la comunicación pública, y el ejercicio de ese derecho*”.

(SOUSA, 2014).

Contribuições dos Estudos Culturais para se investigar a recepção

Quando mobilizadas as perspectivas relacionadas aos Estudos Culturais, entende-se que a materialidade da pesquisa em jornalismo se organiza a partir da consideração de suas interfaces. O jornalismo pesquisado juntamente aos Estudos Culturais – a partir de caráter integrador, contextual e conjuntural –, tem nas pesquisas de recepção a possibilidade de analisar os conflitos, as negociações e os consensos que estão em constante tensão na esfera social.

Segundo Jiani Bonin (2018a; 2018b), a pesquisa em recepção é uma prática epistêmica viva, ou seja, indica a construção progressiva do objeto a partir do trato com as realidades pesquisadas. Portanto, deve-se estar atento para reconhecer os sentidos produzidos na recepção, uma vez que “são múltiplos, complexos, podendo apresentar afinidades, cumplicidades, contradições, ambiguidades, resistências, apropriações e mesmo subversões em relação às ofertas simbólicas midiáticas” (BONIN, 2018a, p. 63). Desse entrelaçamento surge a compreensão das *mediações* proposta por Martín-Barbero (2015), rechaçando perspectivas reducionistas e avançando na compreensão dos processos comunicacionais, levando em conta suas multidimensionalidades, complexidades e contradições. Desta forma, reconhece-se os estudos de recepção enquanto possibilidade de compreensão dos sentidos, apropriações e ressignificações construídos por um determinado grupo a partir dos conteúdos veiculados pelos *medios*.

Quando tensionamos os estudos de recepção no que diz respeito às especificidades do jornalismo, Graziela Bianchi (2019) atenta para uma postura necessária de entender o público não como números de audiência, mas “trazer e tratar questões evidenciadas a partir de um olhar que privilegia os espaços e atuações daqueles/para aqueles a quem se destinam as produções comunicacionais” (2019, p. 321). Desta maneira, procura-se compreender como um determinado grupo constrói sentidos a partir de conteúdos veiculados pelos meios de comunicação consumidos, e que têm essas experiências atravessadas por vivências mediadas por questões culturais, religiosas, etárias, étnicas, de gênero e de classe; manifestações estas que se tornam difíceis de serem percebidas em uma perspectiva que vise uma contabilização automatizada. Desse modo, é necessário o ordenamento de um aparato metodológico que esteja empenhado na busca por uma aproximação que possa resultar em um melhor entendimento dos processos envolvidos.

Estratégias construídas para o trabalho de campo

No que diz respeito aos estudos de recepção, Bonin (2018a) ressalta que os percursos metodológicos devem ser articulados em perspectivas complexas, valorizando o contexto e a realidade dos copartícipes da pesquisa. Essa compreensão nos provoca a explorar potencialidades do trabalho de campo e as possibilidades da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, recorre-se à triangulação metodológica (FIGARO, 2014) como uma postura que nos leva a adotar diferentes métodos de investigação para a recolha, sistematização e análise de dados do objeto em estudo. Foi a partir deste viés que foram mobilizados quatro recursos metodológicos para o trabalho com os sujeitos: entrevista compreensiva, história de vida, história oral e grupo focal. É importante situar que, os recursos mobilizados para a ida a campo, foram articulados levando em conta as especificidades dos sujeitos copartícipes da investigação, ou seja, buscou-se valorizar aspectos da oralidade, haja vista suas potencialidades quando comparadas com a leitura e escrita das PCDI (PAN, 2008). Pontuaremos na sequência eixos centrais dos recursos utilizados.

É importante situar que, a construção das estratégias da pesquisa se deu no transcórre do ano de 2019, com o intuito da ida a campo em 2020. Assim, em fevereiro de 2020, realizou-se a pesquisa

exploratória para testar hipóteses e buscar direcionamento para o desenvolvimento da investigação.⁷ Note-se que com o instalar da pandemia de COVID-19 no país, medidas de isolamento e distanciamento social foram acionadas, tornando-se necessárias adaptações desses recursos. Desta forma, considerou-se o uso de dispositivos tecnológicos como estratégias alternativas em razão da impossibilidade da realização de encontros presenciais; e também, por conta disso, foi observada a necessidade de reduzir o potencial número de copartícipes – fixando em cinco como somatório definitivo para a realização das etapas sistemáticas da pesquisa. Nesse contexto, realizou-se o exercício de constituição do histórico midiático e comunicacional particulares, em novembro de 2020.

A etapa seguinte foi de construção de um grupo, já em janeiro de 2021, mediado pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, com todos os sujeitos copartícipes. A finalidade foi, portanto, acompanhar o cotidiano midiático dos pesquisados por uma semana, ao passo que eram estimulados a compartilhar naquele ambiente as notícias que mais lhes chamavam atenção. A orientação era que levassem ao grupo aquela experiência da forma que considerassem melhor, ou seja, por mensagem escrita ou falada, *prints*, fotografia e vídeo, assim como *links* de reportagens etc. A intenção aqui também foi visualizar como os mesmos mobilizavam a tecnologia para transmitir a informação. Assim, a expectativa para com os dados colhidos pelo grupo estava em perceber: quais conteúdos telejornalísticos e emissoras eram privilegiados? O que mais reverberava? Quais as pautas articuladas? Ainda, quais ganharam aderência na agenda pessoal? Como as emissoras participam dessa narrativa?

É importante contextualizar que o foco no jornalismo televisivo se deu a partir dos movimentos exploratórios (realizados em 2019) e das entrevistas, oportunidades estas que apresentaram a televisão como meio de comunicação mais enraizado em suas rotinas. Suprindo um movimento que, por prevenção ao Coronavírus, não fora possível realizar, de acompanhar junto a eles, em suas residências, as transmissões de TV, esse exercício possibilitou, estrategicamente, uma tentativa de proximidade no momento do consumo.

Por fim, optou-se por constituir virtualmente um grupo focal, por meio da plataforma Google Meet, oportunidade em que todos os participantes estiveram juntos para dialogar. Nesse encontro, a partir dos programas e notícias sinalizadas por eles, pautas similares foram apresentadas para provocar o debate, bem como sugestões de melhorias para o jornalismo, pensados a partir de suas necessidades e experiências. A discussão da relação da deficiência e suas implicações no consumo foi uma consequência. No que se refere ao grupo focal, entende-se como instrumento propício para capturar a interação entre os participantes, ou seja, a partir do debate entre os sujeitos e da mobilização da argumentação, a possibilidade de surgirem novas percepções, neste caso, sobre os conteúdos jornalísticos.

O desenvolvimento da investigação buscou entrelaçar diferentes dimensões de tempo, espaço e de nível analítico no manuseio de distintos recursos metodológicos nas oportunidades de ida a campo, buscando minimizar distorções relativas à aplicação de um único método e tentando assim construir um caminho pertinente para o desenvolvimento da pesquisa. Outro pressuposto importante, que atravessou todo o percurso investigativo, vai ao encontro do reconhecimento da fala de pessoas com deficiência intelectual como conhecimento válido, alicerçado pelas epistemologias do Sul (SANTOS, 2020)⁸, num esforço de romper com a compreensão hegemônica-positivista que posiciona esses indivíduos como mentes inválidas e descartáveis para produção de conhecimento e participação em decisões na esfera

⁷ O desenvolvimento se deu em fevereiro de 2020 e contou com a participação de 28 sujeitos, com idade entre 16 e 42 anos. Estes eram membros do Programa Jovem Aprendiz, coordenado pela APAE de Maringá (PR), e possuíam algum tipo ou grau de deficiência intelectual, além de já estarem inseridos ou buscando a inserção ao mercado de trabalho. Em Berni (2021) é possível encontrar os eixos norteadores para as entrevistas, as notas colhidas e algumas transcrições dos depoimentos dos entrevistados.

⁸ Aqui pensadas a partir dos Boaventura de Sousa Santos como aquelas que “referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça” (2020, p. 17).

social, haja vista que, historicamente, esses sujeitos têm o direito de voz e participação social preteridos. No tópico seguinte, apresentaremos de forma analítica os resultados deste percurso relatado.

Características da recepção telejornalística de PCDI

Chamamos atenção para o fato de que não será possível, neste espaço, detalhar os resultados de cada movimento realizado. Buscamos apresentar as principais análises e percepções possíveis de serem tensionadas a partir da pesquisa de campo como um todo.

Na etapa exploratória, realizada em fevereiro de 2020, com 28 sujeitos potenciais coparticipantes da pesquisa, algumas pistas se mostraram possíveis de se observar e foram fundamentais para a sequência da investigação. Nota-se: a televisão como meio de comunicação com maior aderência nas rotinas das PCDI, bem como os hábitos de consumo diretamente ligados a ela; o baixo consumo do rádio e sua ligação, majoritariamente, com a programação musical; que deste movimento, emerge o imediatismo como questão referencial para posicionar o jornalismo no imaginário dos coparticipes; a predominância do jornalismo de proximidade no consumo dos sujeitos; o questionamento em relação à qualidade jornalística, influenciado pelas pautas sensacionalistas, prevalente nas programações; o reconhecimento da importância do jornalismo para a vida social das pessoas com deficiência intelectual, seja utilizando-o para se informar, bem como para lidar com as decisões cotidianas; e outras formas de consumo mediadas pelo celular. Uma das principais consequências deste movimento foi a delimitação do telejornalismo como objeto mediador para pesquisa. Para o desenrolar da investigação, constituiu-se o corpus de pesquisa com cinco sujeitos comunicantes – Aroldo (45), Augusta (56), Dandara (16) e Paulo (16), Rosa (24).⁹

Ao constituir o histórico midiático de cada coparticipante por meio das entrevistas, perceberam-se algumas características gerais da relação que estes têm com a televisão.¹⁰ Foi reafirmada a influência do jornalismo de proximidade no seu consumo; percebeu-se a personificação e referência da experiência midiática a partir de apresentadores; notou-se a predominância do consumo de pautas sensacionalistas, a aderência ao agendamento midiático e a presença da família no consumo. Como desdobramentos das entrevistas, houve a construção de um espaço mediado pelo WhatsApp como forma de registro dos conteúdos jornalísticos consumidos e, também, de interação entre os sujeitos coparticipes.

Uma das primeiras características possível de ser observada tem relação com a identificação e proximidade para com o jornalista/apresentador/âncora. Anteriormente, já era possível identificar a forte presença dos apresentadores de programas jornalísticos no histórico midiático dos sujeitos. Seus nomes – Willian Bonner, Maria Júlia Coutinho, Eduardo Santos e Salsicha, apelido pelo qual o apresentador é conhecido – eram mobilizados para localizar quais produtos jornalísticos eram consumidos pela audiência.¹¹ Foi por meio desse recurso que Rosa (24) situou o grupo, em diversas oportunidades, da sua rotina de consumo. Como por exemplo, se referindo ao programa *Maringá Urgente*: “Eu estou assistindo Eduardo Santos, né? O homem foi pintar o muro, aqui em Maringá, quase que ele morreu... ele estava com os equipamentos de segurança... quase ele morreu, mas não morreu não”. Em outras oportunidades, o nome do apresentador apareceu substituindo o nome do próprio jornal, “Vi no programa do Salsicha”, “eu to vendo agora o programa do Bacci”. O que se percebe é o resultado do esforço de construir uma noção de pertença e proximidade para com o público.

Outro traço que demarca a recepção das PCDI denota a aderência à programação jornalística local,

⁹ Respeitando suas identidades, foram adotados pseudônimos.

¹⁰ Com a finalidade de conhecer hábitos de consumo jornalístico, perceber a interação que eles possuem com os meios de comunicação, além de compreender a presença e o papel do jornalismo em suas relações cotidianas, as entrevistas foram realizadas, no decorrer de novembro de 2020, com os cinco coparticipantes que nos acompanharam até os movimentos finais de campo.

¹¹ Bonner e Coutinho são jornalistas da Rede Globo. Os dois últimos são apresentadores do telejornalismo local de Maringá.

especialmente no caso de comparamos quantitativamente com a audiência empregada aos telejornais com abrangência nacional. Quando observada a materialidade da pauta que reverberava para cada um, tem-se a característica do factual entremeada pela proximidade: acidentes, chuvas, roubos, violência. O enfoque e a atenção empreendidas estão atravessados pela experiência de vida de cada um, seja como trabalhador, estudante e ou cidadão. Uma característica comum das pautas consumidas tem relação ao sensacionalismo.¹² Em movimentos anteriores realizados pela pesquisa, eram comuns críticas aos conteúdos veiculados, tais como: assassinato, estupro, roubos e violência, atrelados especialmente aos programas *Maringá Urgente*, *Cidade Alerta* e *Balanço Geral*. De um total de 21 assuntos compartilhados durante a semana, oito possuíam fortes traços de espetáculo, conforme se vê a seguir.

Quadro 1 – Características dos conteúdos compartilhados no grupo do WhatsApp

Data	Coparticipante	Conteúdo	Programa e emissora	Observações
11 jan.	Rosa	Apresentador Salsicha conversando com o telespectador	Cidade Alerta (RIC Record)	
11 jan.	Dandara	Colégios Cívico-Militares no Paraná	Boa Noite Paraná (RPC TV)	
11 jan.	Aroldo	Joe Biden é vacinado	Folha de São Paulo	Print do perfil do Instagram
12 jan.	Rosa	Pintor sofre acidente enquanto trabalhava	Maringá Urgente (Rede Massa)	Abordagem sensacionalista
12 jan.	Rosa	Abandono de menor	Maringá Urgente (Rede Massa)	Abordagem sensacionalista
12 jan.	Rosa	ONGs de proteção de animais	Cidade Alerta (RIC Record)	
12 jan.	Rosa	Impactos da chuva na cidade	Cidade Alerta (RIC Record)	Abordagem sensacionalista
12 jan.	Paulo	Vacinação	Maringá Urgente (Rede Massa)	
13 jan.	Aroldo	Retorno das aulas no Paraná	Meio Dia Paraná (RPC TV)	
14 jan.	Rosa	Caso Jadson	Cidade Alerta (RIC Record)	Abordagem sensacionalista
15 jan.	Rosa	Bombeiros salvando ambulância durante enchente em SP	Cidade Alerta (Record)	Grade nacional; Abordagem sensacionalista
15 jan.	Rosa	Acidente em rodovia da região	Cidade Alerta (RIC Record)	Abordagem sensacionalista
15 jan.	Rosa	Vacinação em Maringá	Cidade Alerta (RIC Record)	
15 jan.	Rosa	Número de casos de COVID-19 na cidade	Cidade Alerta (RIC Record)	
15 jan.	Paulo	Falta de oxigênio em Manaus	-	Apresenta apenas em forma de comentário
16 jan.	Rosa	Assaltos em condomínios de luxo	Fala Brasil (Record)	Abordagem sensacionalista
16 jan.	Rosa	Aumento no preço do gás de cozinha	Maringá Urgente (Rede Massa)	

¹² Compreendida como prática noticiosa intencionada em gerar impacto emocional na audiência a partir da seleção, ênfase e repetição de elementos narrativos e imagéticos exagerados, dramáticos e comoventes. Constituem-se como elementos para o sensacionalismo a exposição repetida da violência e da desgraça alheia, a tragédia, a exploração do sexo, o machismo, a marginalidade, o vulgar e o preconceito, por exemplo. Angrimani Sobrinho (1995) apresenta elementos como a proximidade, a emocionalidade e a subjetividade não apenas como estratégia mercadológica articulada pelo jornal, mas, para o auxílio psicanalítico, respondendo às necessidades da audiência.

16 jan.	Rosa	Polícia investiga ameaça de ex-marido	Balanço Geral (Record)	Grade nacional; Abordagem sensacionalista; Interação apenas por mensagem de áudio.
17 jan.	Paulo	Primeira brasileira vacinada	-	Apresenta apenas em forma de comentário
17 jan.	Rosa	Primeira brasileira vacinada	Domingo Espetacular (Record)	
18 jan.	Aroldo	Vacinação	-	Apresenta apenas em forma de comentário

Fonte: Adaptado de Berni (2021)

A partir do contato com o quadro acima, chamamos atenção para dois pontos: a baixa influência de jornais de cobertura nacional, no contraposto às citações das programações locais, e a pauta do coronavírus. Ao contrário dos programas jornalísticos regionais, os telejornais de abrangência nacional em horário nobre não tiveram citação explícita pelos participantes em nenhum momento nesse estágio do processo. Em diferentes oportunidades, nota-se a referência de assuntos que extrapolam o âmbito regional, como o colapso da saúde em Manaus (AM)¹³ e a aprovação da vacina contra a COVID-19 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).¹⁴ Fato que sinaliza algumas interpretações: mesmo não aparente nos relatos e nos conteúdos compartilhados, a grande mídia, a partir de sua programação nacional, influi e ganha aderência na construção da realidade das PCDI, seja pela repercussão e inclusão nas agendas jornalísticas locais e de proximidade, bem como no consumo midiático para além da programação telejornalística; isso repercute, também, o fato de que embora jornalistas da mídia nacional tenham seus nomes citados em momentos outros da pesquisa, como Willian Bonner e Maria Júlia Coutinho, o que a princípio revelaria uma audiência densa a suas programações, nota-se, a partir dos dados revelados pela empiria, especialmente, quando observada a não penetrabilidade dos telejornais nacionais na audiência dos sujeitos participantes, que sua referência e lembrança assume características que extrapolam o ofício de jornalista, posicionando-os como personalidade midiática, tornando-se, por exemplo, referência e inspiração para outras pessoas.¹⁵ Por fim, observando o experimento e a organicidade dos compartilhamentos da rotinas jornalísticas diárias no grupo de WhatsApp, sobressai o fato da mobilização dessas pautas para fazer sentido na proximidade e cotidiano de cada um.

No que se refere aos aspectos vinculados à presença de referências a acontecimentos jornalísticos locais (PERUZZO, 2007), e especialmente na consideração do viés sensacionalista demarcado, entende-se que são questões de relevância, em particular quando consideradas as implicações diretamente vinculadas ao jornalismo. Estes foram pontos de destaque e presentes na pesquisa desenvolvida. Pela necessária limitação de abordagens para se trabalhar neste artigo, tais pontos são mencionados de maneira breve, mas com o indicativo de que são importantes questões a terem atenção destacada em perspectivas de

¹³ Em Manaus, hospitais lotados ficam sem oxigênio e pacientes são transferidos para outros estados. [Rede Globo, Rio de Janeiro], 2021. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Globoplay. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/9179566>. Acesso em: 26 jan. 2021

¹⁴ ANVISA aprova pedido de vacina do Butantan e da Fiocruz. UOL, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/17/anvisa-aprova-pedido-de-vacina-do-butantan-e-da-fiocruz.htm>. Acesso em: 21 fev. 2021.

¹⁵ A fala de Dandara (16) em uma entrevista no percurso investigativo aporta, em certa medida, essa compreensão. "Eu gosto da Maju [Maria Júlia Coutinho] porque a Maju, por mais que ela é jornalista na televisão, ela também fala tudo o que ela tem que falar, ela se joga para as pessoas poderem entender o lado de cada um, por exemplo: igualdade, ter respeito. Também eu gosto dela, porque ela não tem medo de falar o que ela pensa o que ela sente".

análises futuras.

Por meio do grupo focal, realizado de forma online, haja vista as medidas de prevenção ao Coronavírus, houve a possibilidade do encontro de forma síncrona dos coparticipes. Nesse processo, é importante pontuar a instabilidade da conexão e a baixa usabilidade da plataforma Google Meet pelos sujeitos, implicando na própria experiência do grupo, a dificuldade de manusear as ferramentas da plataforma, como ligar e desligar o microfone, fizeram com que ruídos atravessassem a conversa. Como o foco da pesquisa não foi avançar em relação aos recursos de acessibilidade, pontuamos este fato como registro para futuras investigações que se interessem por tais aspectos. Desta forma, o grupo focal online trouxe desdobramentos que nos ajudaram a compreender a recepção jornalística das PCDI, principal objetivo da investigação. Este movimento buscou reunir e articular uma conversa entre os coparticipes, a partir das notícias que os mesmos compartilharam durante a semana pelo WhatsApp, e assim perceber como os demais as receberam. Também compreender quais as familiaridades entre suas preferências e destaques, além de observar como mobilizavam a argumentação e o raciocínio para justificar suas predileções e escolhas.

A dinâmica consistiu em exibir cinco reportagens, estas, por sua vez, foram divididas em *próximas* e *distantes* ao conteúdo cotidianamente consumidos por eles. Após a exibição de cada pauta foram colhidas impressões e destaques sobre a notícia. De maneira sucinta, o que se observou: não houve o reconhecimento de diferenças entre os programas *Meio Dia Paraná*¹⁶ e *Cidade Alerta*,¹⁷ que possuem programação e editorial distintos; foi possível identificar semelhanças nas pautas entre os programas, ao buscar entender o que era noticiado em cada um deles; houve um baixo retorno em relação às pautas consideradas “distantes”, confirmando a hipótese de que era empregada pouca atenção em pautas distantes dos seus cotidianos; novamente, foi possível notar a relevância e personificação dos apresentadores na experiência jornalística; e foi comum referenciar o jornalismo como instituição capaz de mediar a compreensão da realidade.

Considerações finais

Uma questão acompanhou todo o processo investigativo: como compreender a deficiência intelectual no processo de consumo de produtos jornalísticos? Seria ela uma característica que necessitaria de recurso de acessibilidade? Ou seria uma mediação sociocultural como diversas outras? Questionados diretamente sobre isso, os coparticipes foram diretos ao explicitar que a deficiência intelectual não obstruiu a realização dos processos de recepção. Foi possível notar que ela se manifesta de forma heterogênea, aspectos como a experiência de vida, a maturidade, o trabalho e a escolaridade são vivências que atravessam como mediações a manifestação da deficiência.

Em um esforço de sistematização, apresentamos as principais características da recepção jornalística de PCDI observadas, são elas: a presença do jornalismo de proximidade no consumo; o sensacionalismo como marca dos telejornais consumidos; a mobilização do consumo pelas pautas agendadas; o uso do jornalismo na concretude do cotidiano; e as percepções e experiências moldadas pelo que se assiste. Com este cenário, um questionamento emerge: o que difere a recepção jornalística de pessoas com deficiência intelectual com a recepção de pessoas sem deficiência intelectual? Entendemos que, expostas essas características sem previamente determinar qual o contexto e com qual grupo de audiência elas foram colhidas, fica perceptível que a deficiência intelectual em si não determina, tão pouco condiciona, no sentido de uma ideia multidimensional e multifatorial de recepção das PCDI.

Essa compreensão não desconsidera a influência e participação da deficiência intelectual nos

¹⁶ Telejornal veiculado pela RPC, afiliada da Rede Globo no Paraná.

¹⁷ Edição local veiculada a RIC, afiliada a Record no estado.

usos, significados e ressignificações que os sujeitos fazem do jornalismo, uma vez que a situamos como uma mediação que atravessa a experiência de mundo desses sujeitos, que por sua vez, condiciona a forma pela qual eles interagem e consomem a programação jornalística.

Referências

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que Sai Sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BERNI, Felipe Collar. **A recepção jornalística de pessoas com deficiência intelectual**: um estudo sobre os usos e significações que fazem em seus cotidianos. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2021.

BIANCHI, Graziela Soares. Recepção jornalística: relações e perspectivas. **Revista Observatório**, v. 5, n. 3, p. 317-334, 2019.

BONIN, Jiani Adriana. Dos meios às mediações: chaves epistêmicas, teóricas e metodológicas legadas à pesquisa de recepção. **Intexto**, s. v. n. 43, p. 59-73, set./dez. 2018a.

BONIN, Jiani Adriana. Processos e percursos de construção de pesquisas em recepção: algumas reflexões epistêmico-metodológicas. **Conexão - Comunicação e Cultura**, v. 17, dossiê, p. 13-25, 2018b.

BONITO, Marco. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível**: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência?**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FIGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho. **O direito humano à comunicação**: pela democratização da mídia. Petrópolis: Vozes, 2013.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizatória. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013a. p. 87-103.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. Salamanca-Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013b. p. 31-57.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 8, n. 1, p. 5-15, 2006.

PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. **O Direito à Diferença**: uma reflexão sobre deficiência intelectual

e educação inclusiva. Curitiba: Ibpex, 2008.

PERUZZO, Cíclia. Mídia local e regional: aspectos e tendências. **Revista Comunicação & Sociedade**, ano 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SOUSA, Joana Belarmino de. Jornalismo e Acessibilidade: Apontamentos sobre Contratos de Leitura para Efeitos de Reconhecimento de Leitores Especiais de Jornais Online. **Anais do V Simpósio Internacional de Ciberjornalismo**, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 27 a 29 de agosto de 2014.

UNESCO. **Um mundo e muitas vozes**: Comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

Felipe Collar Berni é doutorando em Ciências da Comunicação pela Unisinos, com bolsa financiada pela CAPES. Mestre em Jornalismo pela UEPG. Professor substituto de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Integra o Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM (Unisinos/CNPq). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto e redação do manuscrito.

Graziela Bianchi é doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professora adjunta nos cursos de graduação e pós-graduação em Jornalismo da UEPG. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídias Digitais (GEMIDI/UEPG/CNPq). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto e redação do manuscrito.